

C. B. L.

NO 1

# FAN

1162 A

# TO

# CHES

BASTIDORES DA POLITICA  
E DOS NEGOCIOS

PANFLETO  
SEMANAL

ROCHA  
MARTINS

75

**UNDERWOOD**



PERFEITA COMO  
UM RELOGIO  
DE PRECISÃO

AGENTES  
**THE MODERN OFFICE LTD.**  
Casa especial de mobiliário e artigos para escriptorios

R. de Alcaçim, 107,  
**LISBOA**  
Telefone C 3855

ROCHA MARTINS

## MONARQUIA DO NORTE

Completa e emocionante narrativa historica dos acontecimentos produzidos antes, durante e depois daquele periodo da vida nacional

Rocha Martins, um dos maiores exemplos de labôr na vida intelectual portuguesa, acaba de publicar mais uma obra, interessante como todas as suas obras, intitulada «Monarquia do Norte».

Como o nome indica, refere-se êste livro á efêmera restauração monárquica que no Pôrto teve centro de acção sob a regência de Paiva Couceiro, e cujos episodios mais impressionantes começam após a morte de Sidónio Pais, terminando com o julgamento dos dirigentes dessa frustrada aventura.

Rocha Martins é dos poucos publicistas em Portugal que sabe conhecer e aproveitar os assuntos, e como é dotado de extraordinarias faculdades de trabalho, não recua ante o maior esforço de inquérito ou compilação, dando-nos obras de assinalado merecimento que, além dum relativo valôr literário, constituem imprescindível documentação para o definitivo juizo histórico que, em dias mais serenos, houver que traçar-se destas tumultuosas épocas.

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

## A Verdade sobre a embaixada de Londres

Os fios duma velha historia — Os jornalistas e o turbulo — O que era, em 1918, o prestigio do sr. Teixeira Gomes — O preso de Avenida Palace — A situação do dr. Augusto de Castro

Alguns jornaes, referindo-se à elevação da legação portuguesa em Londres a embaixada, chamam a esse acto «o resultado da politica pessoal do sr. Teixeira Gomes».

Não é preciso conhecer muito a vida dos governos nacionaes para se saber que taes afirmações são falsissimas.

Quando se tratou dessa maior prova de deferencia da aliada — a dos Braganças, como se chamava em 1890 e depois, à Gran Bertanha — «à bebida impudente», segundo escreveu o poeta republicano e genial Guerra Junqueiro —, quando a Inglaterra pensou em delinir o seu apreço pelo nosso país o sr. Teixeira Gomes mal imaginava que viria a ser chefe do estado. Neste tempo era apenas o detido, ás ordens de Sidonio Paes, num quarto do Avenida Palace porque, generosamente, o vencedor, não o quis alojar numa fortaleza.

É que o actual presidente da republica portára-se no seu cargo como um mau português. Em vez de se demitir, desde que não concordava com a revolução de 5 de dezembro, lançava, em Londres, a desconfiança sobre os intuitos internacionaes dos homens de 5 de dezembro, à sombra das prerogativas da sua posição.

Congregava uma ação com o dr. Brito Camacho, que espalhava sobre o governo a nota «de gerar receios sobre a segurança da republica». Seguia-se a mesma tatica usada para com Pimenta de Castro quando este não entregara o poder e se recusara a conceder a maioria de deputados que o nefasto politico pretendia. O sr. Teixeira Gomes deixára o seu Algarve, a empreita, a seca do figo, os seus devaneios literarios, as suas fantasias e os seus desdens pela republica porque o chefe unio-

11

1162



nista o chamara a si. O premio fôra a legação de Londres e quando se tornara necessario agir contra o dirigente da revolta do Parque Eduardo VII e da conspiração, que o proprio dr. Camacho impulsionara, o plenipotenciario em Inglaterra atirara no Foreign Office palavras de duvida acerca da pureza das ideas favoraveis aos aliados por parte de Sidonio Paes.

Ao mesmo tempo os democraticos preparavam a revolução e, sem imaginar que lhe pagariam tão bem, o autor do *Agosto Azul* e doutros meses sensuaes e literarios, obedecia ás ordens do seu chefe politico para o descrédito do sidonismo nos meios diplomaticos britannicos.

Narrei tudo isto, sem desmentido, no *ABC* e a paginas 144 do meu livro *Memorias sobre Sidonio Paes*.

Torna-se, porém, necessario mostrar aos lisongeiros jornalistas a sua má fé ou a sua ignorancia quando imputam a transformação da legação de Londres em embaixada ao prestigio do sr. Teixeira Gomes só porque um navio ingles o trouxe ao Tejo como se conduzisse um residente britannico. O transporte numa nau ingleza foi recusado pelo infante D. Miguel, em 1828, preferindo ele viajar na *Perola*, à sombra da bandeira portuguesa para vir ocupar o logar-tenencia do reino onde se proclamaria soberano. É que o principe, apesar de estoira vergas e de pouco afeto à literatura, preferindo-lhe as touradas, sentia mais a alma da sua patria e, por instinto, desconfiava tanto da aliada como esta, noventa anos depois, do enviado de Portugal, sr. Teixeira Gomes.

E a prova de que não tinha acreditado seus dizeres estava no passo que sir Lancelot de Carnegie, ministro britannico em Lisboa, daria mesmo ante a prisão do diplomata portuguez no seu quarto do Avenida Palace.

Ali se conservou uns dias com a homenagem de descer à barbearia. As sentinellas faziam-lhe a continencia como num presagio do bom futuro da chefia da republica, de presidente do partido democratico, visto os seus antigos correligionarios o desdenharem na hora da grande eleição.

Era, pois, um preso o sr. Teixeira Gomes quando Sidonio Paes recebeu o seguinte e significativo telegrama de Jorge V, o qual ainda não convidara o plenipotenciario para Windsor nem para Sandringham.

*«Comprazemo-nos em que a Nação Portuguesa, antiga aliada do nosso país, esteja entrando numa nova era de felicidades e de prosperidades sob a sabia direção de V. Ex.ª e antevemos o triunfo, que se aproxima, da grande causa pela qual os dois povos mais uma vez deram em comum o seu sangue.»*

O ex-representante de Portugal em Londres parece que não concordava, os democraticos exilados faziam em Paris a difamação do novo chefe do país. Pensavam todos, estes grandes do regimen, pela cabeça dos frequentadores da *Brasileira* do Rocio.

Mas a importancia que lhes ligavam os britannicos era nula e a prova estava na missão com que o ministro ingles se apresentava na secretaria dos negocios estrangeiros. Era portador dum officio no qual o seu governo transmitia o seguinte:

**«Sua Magestade Britanica deseja acreditar um embaixador em Portugal e S. M. o Rei da Gran Bertanha e Irlanda está pronto a receber um representante diplomatico de**

**Portugal com a categoria de embaixador, na corte de S. James.**

**«É intenção do governo de S. M. que esta atenção se efetue por ocasião da proxima mudança da representação de S. M. em Lisboa.»**

Por este tempo não eram, com certeza, a influencia e o prestigio do sr. Teixeira Gomes que ditavam estas palavras ao governo da nação aliada. O caso causara tanta impressão que irritara, profundamente, o dr. Bernardino Machado, então no exilio, onde parodiava as magestades decaídas das peças boulevardieras. Falava constantemente do «seu povo»; dos de «lá bas», do desespero ante o usurpador. E num movimento de quem puxa dum punhal tomara a pena e escrevera uma carta de queixas, retaliações e coleras a... Lloyd Georges, o qual, no meio dos seus afazeres não encontrara um breve instante para a resposta ao homem que, no tempo da propaganda da republica, fôra cognominado *El Presidente*, pela vontade do dr. Alonso Costa, chegara ao cargo e pela da nação passara a ser o ex-presidente e eterno viuvo do poder.

A Inglaterra, presentemente, desejou o renovamento da atenção que teve com Sidonio Paes realisou a promessa espontanea e publica feita, ante a ação do vencedor da demagogia, ao povo portuguez, porém, embora queira dar ao seu gesto a apparencia de novo e haja quem o proclame, turiferando o presidente do partido democratico, residente em Belem, jamais se conseguirá que o país seja embalado como parece ter sido o dr. Augusto de Castro o qual, como se acreditasse pouco no prestigio, na politica, na situação excepcional do sr. Teixeira Gomes, aceitou o cargo de ministro provisorio em Londres no momento em que já se andava à procura dum... embaixador.

Se não fosse a pagina de historia de 1918 imaginar-se-ia que a Moagem exercera uma ação prejudicial ao antigo diretor do seu orgão e sempre é melhor acreditar no que se prova do que na influencia maxima da formidavel instituição, da maquina portentosa de acumular dinheiro.

## A Moagem perante a Justiça

Evocação duma velha campanha—Onde começa o castigo—A Justiça e o desvario—A acção dos "Fantoques", e a Moagem—Os meus processos e os alheios

Quem primeiro atacou a Moagem fui eu. Desconhecia a maioria dos moageiros, e se com alguns falava, era porque ainda não me inteirára de sua acção malevola. Cortei as relações com todos eles e puz-me a combater. A minha volta fazia-se o silencio dos jornais que lhes pertenciam, e, enquanto os redactores attribuiam a ordens formais dos patrões do fardim do Tabaco a pena do olvido para mim, estes afirmavam serem os dirigentes dessas suas gazetas que não queriam—por um sentimento de fisonja para com eles, seus senhores—tratar da minha pessoa. Seja como fór, cumpro sempre o meu dever e para prestar homenagem a um vulto não inquiri de suas opiniões politicas, de seus sentimentos ou de suas relações comigo. Tenho feito justiça nos meus jornais a pessoas com quem tenho as relações cortadas por causa da politica.

Devo declarar que nunca me incomodei com a brutalidade do procedimento daqueles jornalistas, porque, ainda que me louvassem, não desistiria do meu ataque. Cheguei a ter uma scena pessoal com alguém que, então, me censurava a acção e hoje me presta a homenagem da sua penitencia e persisti em apontar os moageiros, — ou antes, seus processos—como quiz e como desejei. É que, assim como senti em Afonso Costa o ganhão que, em nome da liberdade, queria empolgar o país e encher o seu cofre vasio, vi, tambem, na Moagem a origem de grande parte do mal estar nacional.

Combati o politico e, quando ele esteve vencido e preso na fortaleza de Elvas, lamentei que não se fivesse inquirido das origens de sua fortuna. Sidonio Pais deu-lhe a liberdade e porque usou dessa gentileza foi morto. Na hora em que o prisioneiro transpôz a fronteira, sem que o fivessem atingido nos seus bens, sem que desmanchassem sua legenda, senti a aproximação duma agonia: a do presidente.

E, todavia, eu, não queria o fim dêsse homem culpado, não o desejava morto numa cilada; embora pudesse voltar a ser sua vitima, preferia isto a vê-lo num lago de sangue nascido dum odio, movido numa traição. Queria-o a dar contas; não o queria a mover piedades. Entrevia o caso dêsse modo, dirão uns que por sentimentalismo, outros, que por calculo,

eu dir-lhes-hei que pela razão unica dos meus conhecimentos do povo português e de sua progressa historia.

Quando Dias Monteiro—o amigo e antigo chefe de gabinete do dr. Afonso Costa—me falou dum agradecimento ante umas cartas do filho do vencido que eu mandara entregar-lhe, apenas volvi:

—Se ele voltar ao mando, conspiro outra vez!

—Porquê? Porquê?

—Porque não é sincero e causou o grande mal dêsse povo para servir os seus caprichos e enriquecer-se...

Assim pensei, assim penso ainda e jámais mudarei de opinião.

Depois dêsse politico tortuoso não combati mais nenhum. Incidentalmente criticava este ou aquele; desinteressava-me, até, dessa turba mediocre e derrotista, esmaltada de ambições e de mentiras.

Mas diante dum pobretana, que conhecera de mãos vacias, tornado grande capitalista—e ao qual deixei de falar—quiz profundar a sua riqueza súbita.

—Foi na Moagem que a ganhou!...

E puz-me a estudar a Moagem. Dei a origem de minha campanha; daí as certezas dos males causados. Vinha um antigo ministro das Finanças, Peres Trancoso, meu velho amigo, e mostrava-me os lucros fabulosos dessa gente e eu defendia o povo quando a atacava. Ela, a loba, comprava tudo, julgo que compra ainda tudo, penas, farinha, consciencias, governos e bachareis; penso que domina tanto que difficilmente será vencida e não vejo senão grandes inimigos, à sua volta, secundando a acção que principiei, modestamente, nas paginas dêsse panfleto, o qual, por seu preço, só chega às mãos das classes categorisadas, quando é ao povo que desejo expôr o meu programa.

Já aparece muita gente para combater a Moagem, mas, como se houvesse receios duns, ou outros esperassem dela alguma cousa, não vejo que se exerça a acção preconizada por mim, a unica benefica e logica:

—Inquerito às fortunas dos moageiros, mesmo dos que deixaram seus cargos desde ha seis anos. Conhecimento directo dos Bneos portugueses ou estrangeiros onde guardam seus capitais.

—Responsabilidades apuradas de sua participação nos males nacionais e sequestro dos bens obtidos com seus exagerados lucros.

—Internamento até se examinarem suas culpas.

Foi em parte este o programa de um politico argentino, que salvou a sua patria das mãos plutocratas.

O que vejo, por parte de quem manda—como o sr. Ministro da Agricultura—não é isto; o que sinto, por parte do deputado sr. Cameasas, é o desejo de lhes tirar os jornais, deixando as fabricas em paz. Como se não fosse um applicado estudante larga as origens e toma as causas; o que noto é ainda aquele terror estranho que perturba os crentes diante dos idolos e os medrosos em frente dos tiranos. Esta indecisão dos que gritam contra a moagem participa do entrechoque dos dentes dos convencionais à vista da figura de Robespierre e do deliquio dos here-siarcas em frente da porta da cela de Torquemada. Bastou um perfume de amor para fazer do jacobino um farrapo. Tallien jogou tudo e venceu-o.

Bastou uma crença mais forte na justiça para reduzir a Inquisição a um velho estabelecimento de ferro-velho.

Pois bem. Só ouço singulares palavras; a nação fraqueja e eu, limitado a estas paginas, na hora em que a vitoria se pode aproximar, não descansarei enquanto não levar a minha batalha até ao jornal diario, ao que chegue ao povo. Foi nas paginas do *Liberal* que ajudei à derrota de Atonso Costa; fiz com a minha pena o que outros geraram com as suas espadas. Porque a generosidade acometeu os vencedores, a obra não foi cabal, mas feriu fundamente o tiranete. Com a Moagem ha de acontecer o mesmo, firmemente o creio. Ha de ser batida e metida na ordem, ha de obter de suas maquinas apenas os honestos lucros e ha de pagar ao país o que lhe deve.

Todavia, aqui o deixo escrito, prefiro ser vencido, retirar-me da luta, acabar até este panfleto e desistir de combater diariamente, se algum desses homens que eu, impessoalmente, alvejo, tiver de ser vitima de ciladas, de crimes, de assaltos.

Tudo isso é mau e inutil. A mais dolorosa sangria para os ganhões é a que se lhes faz nas bolsas e não a que se lhes rasga nos corpos.

E, se não houvesse razões de ordem mais alta — a da justiça legal, — esta bastaria para deter os ataques nascidos — eu sei — de muitas dores e de muitas miserias.

## O egoismo das classes conservadoras

Os capitalistas e a derrocada — A moral dos afortunados — Na hora da paga — Certos "conservadores" — A acção das classes elevadas.

E' muito para se sublinhar o seguinte comentario do *Dia* ácerca das poucas esperanças mantidas em relação ao *Fundo de Protecção Social* que desejava vêr organizado contando, todavia, pouco com os commerciantes e grandes capitalistas:

«devemos dizer — escrevia-se no excelente jornal — que nenhuma esperança temos de que ele obtenha uma execução pratica, porque conhecemos suficientemente o egoismo das classes conservadoras — grandissimas culpadas de toda esta derrocada, que ha-de, afinal, esmaga-las! — para termos a ilusão de julga-las capazes de uma iniciativa que as enobreça e de quaisquer relativos sacrificios... que lhes pesem na bolsa».

E' assim mesmo. O egoismo das classes conservadoras é o fulcro em volta do qual se tem acentuado a derrocada deste país. Nunca faltou a materia prima, a carne de sacrificio, para as lutas contra a republica, o que escasseou sempre foi o capital.

No entanto, a maioria dos capitalistas dis-se monarchica, usa nos dedos aneis brazonados — alguns como o do Montalegre do *Eusebio Macario* —, tutela os aristocratas, mas detestam os que lhes podem pedir qualquer coisa, em nome dos principios, receiam sempre as revoluções e chamam tolos a quem se mete nelas. Amam, da monarchia, as relações e o ar, o grande tom, porém, preferem a demagogia onde põem mais fartamente a nado os seus barcos quasi sempre corsarios.

Entre os grandes capitalistas portugueses que tenham mostrado a sua vontade de combater o regimen, puramente, livre de interesses, posso citar uma meia duzia. Os outros ou se acomodam ou teem negocios com os republicanos. Ha até para af titulos que parecem taboetas commerciaes enlaçadas em firmas de jacobinotes autenticos.

Falar a estes conservadores em bater o que está é irrita-los e até podia citar exemplos, frases, conceitos, votos, trechos de conversas, cartas que dariam para um largo volume sobre a *Acção das Classes Conservadoras na Vida da Republica*.

Para a maioria desses «conservadores» ha só uma cousa «conservar as suas fortunas».

Pertencendo, geralmente, a famílias de frouxa educação psicologica, eles, erram no que julgam suas defezas, e em breve toparão esmagamentos.

O grande capitalista ou comerciou e só viu os lucros das contas ou herdou e só viu as contas dos guarda-livros. São, por via de regra, bem receosos da acção fóra do seu interesse. As altas concepções, os heroísmos, os sacrificios escapam-lhes e tanto se lhes dá que o capitão Prostes tenha mandado uma bela carga de cavalaria contra os republicanos, como que o capitão Romero tivesse ficado quasi morto no campo, desde que não venceram. Se eles carecessem, amanhã, dum emprego, nalguma das casas dirigidas por esses capitalistas, encontrariam um convite para se servirem duma chicara de chá, mas jámais uma vaga para preencherem. O capital desses senhores só serve para chocar novas receitas.

Conheço-os em demasia. A maioria desses grandes do milhão, que me fala e até me lisongeia, fá-lo como a outros, porque gosta de colocar em várias cabeças um pouco do seu capital de venias — que cousa alguma lhe custa — à espera de juros, no futuro.

Se eu contasse três casos, apenas três, succedidos com individuos de alto coturno financeiro, e que jámais deixam de arvorar o azul e branco na nossa frente, teria descrito, em meia duzia de traços, as camadas que Moreira de Almeida, no seu artigo, aponta como «grandissimas culpadas de toda esta derrocada, que ha de, afinal, esmagar-las».

Isto não me oferece duvidas. Eles que estão sempre prontos a servir os homens do poder, os jornais do poder, os deputados do poder, os vultos do poder — aos quais pedem coisas inconfessaveis — logo concedidas, numa cumplicidade de interesses — jámais, fóra duma meia duzia, repito, que se destaca dos egoistas ferozes, foram capazes de atender quem, combatendo, os podia salvar.

Não é uma queixa que faço. Nunca pedi nada a esses individuos que se pompeiam nas missas e nos banquetes, onde os monarchicos se reúnem, mas que, praticamente, ajudam os republicanos, seus associados nas negociatas.

A idéa dum *Fundo de Protecção Social* talvez lhes sorria, porque, no seu grande medo, nascido das consciencias abaladas, esperam que os vigiem, os guardem, os salvem.

Ha, porém, uma coisa que lhes farão, desde já, seguindo sua velha usança: pedir que não lhes ponham lá os nomes na lista das dadivas.

É assim, embuçados no anonimo, que muitos deles são assinantes dos jornais monarchicos e dos republicanos ao mesmo tempo, pertencem a irmandades e à maçonaria, vivem com os bandidos profissionais e com os policias, são tementes a Deus e a Demo, e batem nos peitos em publico, mas blasonam de livres pensadores quando adregam encontrar algum membro do Registo Civil.

Oh! se eu os conheço?!... Ainda ha pouco, um grande capitalista, que se diz monarchico, não teve mais nada que fazer, no comboio de Cascais, do que criticar o rei, até ao momento de minha intervenção para a calada de seus desdens.

Talvez me resolva a narrar — em folha mais vulgarisada do que esta, tão difficil de chegar ao povo — o que, durante 15 anos de contacto com estas camadas, observei e vi. Nessa hora, eu, filho do povo, pobre e não tendo mais arrimo alem desta pena, mostrarei como é ainda nos humildes que a sinceridade reside.

## Os altos cúmplices da Legião Vermelha

A alliança dos homens de negocio — Os pais da primeira legião — Interesses, calculos e cambios — Os excitadores das misérias — As fontes de tanto mal querer

Analisar os crimes da *Legião Vermelha* não é apenas derramar lagrimas ou protestos sobre as vítimas ou sobre os actuantes. A verdade não é difficil de entrevêr; existe, porem, a falta de coragem para a expôr.

O que se chama a *Legião Vermelha* teve as suas raizes fundas no proprio amago desta sociedade desnivelada. Quando os corpos desses filiados vencidos se abatem nas mesas do necroterio a Ordem respira como se eles, em vida, a asfixiassem. Um fremito de terror passa e logo se esquece num regabofe de quem ama a existencia porque lentamente a gosa.

Realmente é terrivel a missão de matar mas é muito peor a acção dos grandes cúmplices desses matadores porque eles teem-nos e altamente categorisados.

Os avançados pertencentes, a essa sociedade secreta, exprimem uma opinião, um criterio, uma ideia formada ácerca das personalidades que atacam mas é necessario mostrar-se como nasce, se infiltra e se propagam tais sentimentos nas almas, por ventura rudes ou desvairadas, desses individuos.

Não ha direito de praticar os atentados que eles titulam de justiça mas tambem, quotidianamente, é postergado o direito que a todos assiste de viver e de garantir a sua velhice, desde que se trabalha.

Vozes altas e violentas em nome do sentimentalismo, da bondade, da ideia de justiça protestam e pedem condemnações contra quem sai fóra da lei; vozes interesseiras se levantam nesse côro e, todavia, todas são suas cúmplices desde as de ternuras pelas desditas até ás de defesa dos cofres fortes.

Ha quinze anos que, neste país, se arvorou o pendão negro do

assassinio e que foram cognominados de heróis os matadores políticos. Um rei fazia sombra às ambições duma turba irrequieta; um ministro — João Franco — eu o provo no livro que estou retocando, sobre esse período — acaudilhava o monarca. Reunidos, varios magnates, no restaurant Brebant, em Paris, combinaram seu desaparecimento e, em 28 de janeiro, individuos categorisados pretenderam armar os braços de elementos avançados para eles os livrarem de seus inimigos, do rei ou do ministro. Em 1 de fevereiro chacinou-se, no Terreiro do Paço, o soberano e seu filho, e as campas do cemiterio, em que se sepultaram os regicidas, foram cobertas de flôres. Já o disse ha dias. Buiça e Costa deixaram por herdeiros alguns dos adversarios do antigo regimen.

Eis os primeiros incitadores do crime contra os poderosos.

Que fez, então, uma parte dos conservadores mergulhada nos altos negocios, nos grandes interesses, nos Bancos, nas Companhias? Em vez da afixação da sua repulsa pelos que se tornaram senhores do poder, erguido sobre um tapete de sangue real, associaram-nos às suas empresas, tornaram-nos comanditarios de seus negocios e jámais se viu um espectáculo mais extranho do que o do bastidor dos «que tem que perder» conluiados com os que tinham que ganhar.

Primeiro fizeram, entre si, um accordo tacito no qual rolava ainda o oiro; e a plutocracia, amamentada pelos cuidados dos seus novos amigos, sentiu todo um povo á sua mercê.

Os cadaveres do rei e do principe, esquecidos na necropole de S. Vicente, visitados apenas pelos seus fieis, iam a apodrecer nas suas urnas enquanto as moedas chanceladas com uma regia esfigie passavam das mãos dos «que tem que perder» para as mãos dos que tinham que ganhar.

Em torno destas personagens do grande drama nacional levedava uma revolta cruenta. Almas ardentes desejavam demolir tal consorcio e os nubentes, de braço dado, riam porque a republica — que amedrontava uns — se tornara na cadelinha docil aos seus bolos doirados.

Quasi não se percebia o desapego pelas crenças desses categorisados conservadores aliados com os homens que trafam a missão da revolta apregoada outrora. Porem, quando os monarchicos puros se agitavam e o seu sangue corria os que os feriam surgiam como heróis e doavam-se-lhes empregos. Continuava o incitamento ao crime e á corrupção.

Houve neste país um periodo em que a brava demagogia mandava. Os que se diziam monarchicos, mas tinham seus interesses presos aos do regimen, contratos com o estado, manigancias preparadas, buscavam impedir a revolta dos sinceros, receosos pelo dia de amanhã. Todos os

revolucionarios da opinião que diziam desposar lhes eram antipáticos. Pobres vencidos das fronteiras; pobres policias e soldados dos fracasados movimentos realistas! Mas, em compensação, nos meios da industria corruptora, da finança associada da republica, dos mecanismos exploradores, em que entrava gente fementida de ambas as facções, apreciavam-se imenso os revolucionarios de outra casta. Deram-lhes subsidios, conduziram-nos em seus automoveis, imploraram-lhes a sua amizade, pagaram-lhes deixando á fome, á mingua, ao abandono as almas generosas que por uma velha fé se batiam.

Desse pacto dos «que tem que perder» com a «formiga branca», espancadora e assassina, veiu o impulso maior para as desafrontas de sangue.

Derrubou-se a demagogia. Sidonio Paes appareceu como o anjo titular dos grandes ricos. Pretendia restituir-lhes a sua liberdade — quando era nos soldados que por causa daqueles se batiam que devia reparar. Um dia, a bala dum jacobino vitimou o presidente e quando os defensores de seus ideais se dirigiram aos grandes capitães da alta banca para se continuar uma obra das direitas eles correram, ás escancaras, a abraçar-se nas esquerdas vencedoras.

Soldados do Monsanto e do Porto famintos e vencidos jámais viram abrir-se as portas dos aliados dos chacinadores. O sangue do rei não se sumira das paginas da historia; tampouco do presidente conservador mas nas memorias dos gananciosos eles não eram mais do que vagas, apagadas, figuras de outras idades afogadas em montes de notas dos lucros ilicitos que melhor sabiam aos «que tem que perder» aumentadas com o numero dos que tinham ainda muito desejos de ganhar.

Não se fazia caso do crime; na sua sombra roubava-se milhões e, desta data em diante, parecia ter passado o horror ao sangue. Ele era como um guano magnifico para fazer crescer os interesses e as benesses.

Afonso Costa, cinicamente, dizia:

«—Os capazes de matar estão comigo! —»

Os seus socios, os que á sua volta se enroscavam, murmuravam: —Ele nos salvará!...

A miseria do povo era o repasto destes carniceiros, que tinham ajoldada uma matilha de lobos. Compreendeu-se que matar era tão nobre officio que a Historia, por onde as crianças aprendiam nas escolas, glorificava os matadores e as autoridades davam fuga ao assassino de Sidonio Pais. Politicos subscreviam para a sua manutenção, deputados enalteciam-lhe o gesto, poetas cantavam-no, militares desfilavam diante das campas dos assassinos mortos e mandavam felicitações ao criminoso vivo.

Quem são os pais da inicial Legião Vermelha?

Até então não houvera mais do que os denominados assassinos

políticos; dessa data, em diante, apareceram os crimes contra os plutocratas. Aqueles eram glorificados pelos que ganhavam fortunas colossais. Combatiam, chacinavam os que não consentiam nas suas explorações. Agora, como produtos de tanto endeusamento de matadores, nasciam os que brandiam as armas por fins diversos.

O que era, para os grandes «liberais», D. Carlos e Sidonio? Liberticidas; inimigos do povo, e, por isso, entravam nos compendios os seus «executores» com as corôas civicas de prestantes cidadãos e os «que tinham que perder» tanto o sentiam assim—apesar de se dizerem monarquicos e sidonistas—que não receavam aliar seus nomes aos dos glorificadores nas listas das direcções das grandes empresas exploradoras.

Os que chegavam armados vinham combater esta exploração—diziam-no nos tribunais—onde os juizes os absolviam—e o côro paterno dos primeiros legionarios vermelhos berrava, porque lhes punham cabo às suas aventuras rendosas de milhões.

Mas quem apontava esses homens das grandes situações do dinheiro aos legionarios?

Primeiro, os seus eguaes, os seus pares, os seus disputadores nas batalhas dos negocios, dos ganhos, dos lucros; depois os políticos, os deputados, os ministros e os seus respectivos jornaes.

Grandes negociantes apossaram-se da imprensa; amarraram-na aos seus interesses e os que assim não praticaram pagaram ou pagam pingualmente as campanhas do descredito aos seus contrarios nessa luta. Não quero citar nomes; os milhares de leitores, meus fieis neste pampheto, que talvez em breve abandone, pela inutilidade do combate, neste campo, estão a repeti-las e a dar-me razão.

Raro é o dia em que não se accusam, nos periodicos, individualidades da finança, da Grande Banca, da Especulação, das industrias exploradoras, com os nomes por extenso; quasi não se pode abrir uma folha sem que nos saltem aos olhos taes citações, Enchem os cofres à custa do país; são os usufrutuarios do nosso trabalho. Dizem isto as gazetas duns querendo a desmoralisação dos contrarios no negocio.

Aqui lhes apresento os veículos que conduzem as armas dos legionarios vermelhos.

Ao mesmo tempo, quando um inimigo desta torva plutocracia é espancado, ferido ou mesmo morto os jornaes, servidores das altas negociatas, noticiam, de corrida, os factos quando não chamam aos casos notandos «justiça popular».

Eis as cargas para as armas dos legionarios vermelhos.

No Parlamento—basta consultar o *Diario das Sessões*, e aqui tenho eu a preciosa coleção—não decorre uma semana sem que deputados ou senadores apontem delapidações, infamias, roubos ao Estado praticados por ganhões, donos, plutocratas.

Chega-se a apresentar, com os nomes dos culpados, as verbas de seus ilicitos ganhos.

Quem produz estas acusações? Os avançados, os comunistas, os extremistas?

São os parlamentares de todos os lados da Camara, são os ministros, são os grandes nomes da republica.

Ha dias, ainda, em Evora, o titular da Justiça increpou os ricos e, apontando a terra vasta do Alemtejo, batida pela soalheira, bradou que ela pertencia a quem a regava de suor.

São eles os geradores dos gestos dos homens as quaes parte da imprensa, em seus gananciosos doestos, dà armas, as que os rivaes no negocio com seus debates, carregam.

Imaginam que tudo quanto dizem e escrevem não são mais do que bolas de papel fingindo de projeteis nas controversias de seus interesses.

Ha, porem, quem as apanhe e excite, no seu contacto, as duras miserias cruciantes e amargas.

E depois é de todos os lados que se erguem outros gritos que se não incitam, fazem meditar os que tudo sacrificam e cousa alguma ameaçam.

Medicos illustres, mostrando-nos sanatorios, as creancinhas definhadas, apontam como culpados os gananciosos; filantropos mostrando-as nos portaes repetem a accusação e até vozes religiosas, de bondade e doçura, descendo dos pulpitos apresentam tantas dores e dizem ter apelado debalde para quem as pode lenificar.

Tudo isto é uma nitida verdade. Grita-se que ha culpados enormes e nenhuma lei se produz para os punir. São os proprios governantes e os proprios legisladores que accusam e não castigam e, então—eu não faço senão explicar um logico desenlace—os que tanto ouviram, os que tantas vezes foram espicaçados pelo som desses brados fortes como libelos, não discernem, no seu simplismo—e como viram já assassinos glorificados—avançam e ferem e atacam seguindo o exemplo das populações aldeãs que ao grito de: «lá vem lobo» procedem sem chamarem o regeador que, tranquilamente, mede o seu vinho e em seu codigo não tem paragrafos contra os feroses animaes.

É mau; é horrivel; é tragico este conflito que hade ter um termo; mas se é preciso castigar quem age no sentido de punir fóra da lei é tambem necessario julgar, rijamente, exemplarmente, os que os ministros e parlamentares accusam, engendrando criminosos, impelindo ao ataque creaturas, mal providas do respeito devido à vida humana, mesmo da dos criminosos que a justiça dos acusadores não pune.

Querer argumentar de maneira diversa é desejar que brote agua pura duma fonte onde, diariamente, se lançam punhados de veneno, litros de peçonha, enormes vasos de fezes.

## Corações de mós

Um prestito e uma grande dôr — Idéias sobre a gratidão — O dinheiro não paga tudo — Os filhinhos do cabo Neves — A esmola dum moço-geiro

O cabo de policia Manuel Neves, morto em defesa da tranquillidade do moageiro Castanheira de Moura, deixou quatro filhinhos que lá foram, com a mãe, vestidinhos de luto, acompanhar o pai ao cemiterio.

Os seus olhinhos, toldados pelas lagrimas, abriam-se ante o luido e extenso prestito, com que o meu amigo, major Ferreira do Amaral, alma de verdadeiro soldado, com todas as virtudes e defeitos de um militar audaz e bravo, quiz honrar a memoria do seu subordinado humilde, caído numa refrega. Não ha quem saiba premiar e punir como esse temperamento de «tropa», que tão bem comandou na Africa e na Flandres e o que seria o ideal chefe de um regimento. Sentiu-se, no desfile desse cortejo funebre, o aspecto de uma consagração ao valente que soubera morrer, e fôra elevado a cavaleiro da Torre Espada, numa apoteose e num enaltecimento, condusido com pompa ao cemiterio, ao tempo em que já tinham baixado á terra, quasi escondidamente, os filiados do grupo secreto, que uns dizem terem estado a aguardar o industrial padeiro, nos Olivais, outros que a conspirar com politicos.

Fosse como fosse, esse policia abatido no combate, deixou quatro filhinhos, que jamais esquecerão o desenrolar desse protesto, em homenagem ao corpo de seu pai, e, naturalmente, com um instincto infantil, teriam procurado, naquêle nucleo de fardas scintilantes, de chefes, de grandes senhores do mando, o homem pelo qual o seu progenitor morrera. Para a sua mãesita, vestida modestamente nos seus crepes, e que Amaral cónduzira pelo seu braço—ainda num dispendio de ternura pelo valente, e que só os soldados da sua estructura poderão compreender—, para essa mulher do baixo povo, que jamais vira junto de si tantos militares graduados e tanta gente bem envergada, os pequenitos teriam perguntado:

— Mãesinha, onde está ele...?

— Quem, meus filhos, quem? — interrogaria a desditosa viuva, á qual jamais o dinheiro poderá substituir o arrimo que o marido lhe dava e aos seus.

— Aquele por quem o paisinho morreu...

Ela relancearia, tambem, a sua vista, molhada, pelo ambito do cemiterio, e veria a farda relulgente do sr. Correia Barreto, grande amigo e julgo que em tempo grande associado, sem quota, do industrial; encontraria os vultos dos ministros, dos officiais da policia, do comandante, os desconhecidos, os potentados governativos, até toparia a figura desgrehada de farrapos mal coberta, de um mendigo—José da Costa—que o cabo Neves protegia, mas não poderia indicar aos orfiãos do servidor da sociedade, o grande rico.

O policia caíra, por sua causa, num campo vilarego, e por isso aqueles senhores ali iam conduzindo, em grande pompa, os seus restos; porrem, o que ele quisera vingar, não estava ali. E' que o sr. Castanheira de Moura mandara seu irmão representa-lo. Não pudera, ou muito custava ao seu comodismo, arrancar-se de casa para ir a esse funeral, mostrar, ao menos, áquelas crianças, que a vida de um antigo moço de padaria, guindado ás culminancias do milhão, não se paga apenas com uns seis contos de reis, dados ás familias de quem morreu em holocausto da sua existencia regalada, feliz, tão magnificamente conduzida, que é hoje um dos reis da moagem, tendo começado na humildade proletariana.

Como se fazem essas grandes fortunas não sei nem procuro penetrar suas origens, neste momento. Dizem-me os veneradores do dinheiro, que, trabalhando; eu vejo muita gente a lidar e acabando, como o cabo Neves, com uma bala no peito, em defesa de indifferentes ou arrebatadinha de fadiga, ao fim de muitos anos de labor. Como se fazem essas accumulações de dinheiro, não o desvendo agora, mas sei como se morre a defende-las, desde que soldados, policias, marinheiros, guardas, de espadas nuas ou armas nas mãos, vão combater para que trafiquem em artigos de guerra, em uniformes, sobretudo, antigos famintos, e na defesa de seus lucros vão acabar os pobres numa chã e em lagos de sangue.

A sensibilidade dos militares, de verdade, costuma ser quasi nula mas, diante do que se passou, eu vejo o comandante Amaral a comover-se, a premiar a memoria de um dos seus homens e convenço-me que ele vibrou mais—apesar de ser um rude combatente—do que o industrial de padaria. Naturalmente, áquella hora do funeral, para que tinham sido convidados os empregados e os operarios da sua fabrica, ele—devedor, ao menos, da homenagem da sua presença junto da jasida do cabo Neves, talvez imaginasse alguma nova operação de acrescimo aos seus gordos capitais.

Pela primeira vez, cito o nome de um moageiro, que julgava até retirado da industria esmagadora dos que labutam só para a servir. Inge-nuamente imaginara ser possível perderem-se os grandes vícios. Se insisto, é porque a notariada da pessoa do sr. Moura nos acontecimentos exigia a sua ida até junto do caixão de quem morrera para defesa de seus passos, do trilho do seu automovel por aqueles caminhos da fortuna.

Anoto o facto porque nas cabecinhas das crianças, filhas do assassinado, uma ideia estranha, relativa à gratidão, se vincará, pois, quando, mais tarde, recordarem as pompas daquele enterro, lembrarão a ausencia de quem, mais do que todos, ali devia estar e julgarão—os pobres inocentes—que a vida de seu pai valia mais uns contos de reis do que um arranco sentimental. Pensarão que não merecia mais do que aquelas notas—depressa consumidas no pão carissimo que hão de comer—e que as lagrimas dos homens do grande negocio se fizeram apenas para se derramarem sobre as suas infelicidades nas transacções.

Ficarão sabendo da dureza dos corações de mós, que tudo trilharam tardiamente se consomem.

Para não terem illusões. ácerca desses sentimentos, evocarão, ainda, uma caricia recebida á porta do cemiterio. Não foi um beijo, não foi uma lagrima nem uma palavra que lhes calasse para sempre nos espiritos. Estas são as moedas com que pagam aqueles cujos corações tem muita ternura para dar, cujas almas só desabrocham bondades; a outra é a das notas eguaes ás que um moageiro meteu nas mãos dos pequenitos—500.000 réis—a cada um, com um gesto largo e uma banalidade a remata-lo:

— P'ra bolos...

E lá se foi, não tendo escondido a sua caridade, alardeando, para os circunstantes e para a imprensa, o que julga uma vasta generosidade e pensando decerto que elles—os pobresitos—voltarão a devolver-lhe a dadiva, não porque comam bolos—mas porque serão obrigados a comprar o pão, que, desde a morte de seu pae, deviam comer de graça.

Ele morreu na defesa da masseira, que se tem como uma ara bendita e não passa de uma vasta vala de todos os males.

Como nas «Memorias de Sidónio Pais», estas páginas da «Monarquia do Norte» são o relato da última revolução monárquica e passando nelas toda a exaltação romântica dos conjurados, tudo o que de ridiculo e ideal caracteriza, por momentos, vencidos e vencedores. As horas de sonho e febre, de heroicidade e covardia; as atitudes de nobre desinterêsse e cálculo vil; os que morreram cobertos de glória e os que se salvaram amarrados á ignominia—de tudo isso Rocha Martins nos fala no seu estilo nervoso, colorido, fazendo ressaltar um nobre feito, comentando irónicamente uma fraqueza, castigando violentamente uma pulhice e rendendo sempre, a sua admiração a uma brava galhardia qualquer que seja o arraial onde esta se alevante.

Não é, nem podia ser uma obra de imaginação ou de estilo requintado, porque nem esta maneira se adaptaria a um livro que tem de viver do facto do comentário espontâneo e dum estilo despretencioso e acessivel. Mas é um volume onde o seu autor sôbe inventariar os mil e tantos aspectos de que vivem obras desta natureza, identificando datas, coleccionando fotografias e documentos, valorizando tôda essa fragmentação de pequenos nadaes que, entretanto, foram sempre grande base nos alicerces da história.

Mais uma vez Rocha Martins demonstrou as suas qualidades de historiador, o seu instinto agudo de alto repórter, a sua vivacidade de escritor bem meridional.

Quanto aos intuitos da obra, não creio que os tivesse ou resultem de propaganda monárquica. Mas mesmo que assim fôsse, Rocha Martins, com todo o seu talento, jámais conseguiria dar vida a uma causa bem morta.

(Do jornal *A Batalha*, de 17 de Maio de 1924)